

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

BEATRIZ DE LUCENA RIGUEIRA

**A IDEOLOGIA JUCHE, A PROPAGANDA E O ENDEUSAMENTO DA
FAMÍLIA KIM DA CORÉIA DO NORTE**

Recife
2022

BEATRIZ DE LUCENA RIGUEIRA

**A IDEOLOGIA JUCHE, A PROPAGANDA E O ENDEUSAMENTO DA
FAMÍLIA KIM DA CORÉIA DO NORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência
parcial para graduação no curso de Relações
Internacionais da Faculdade Damas da Instrução
Cristã.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Lira

Recife
2022

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

R572i Rigueira, Beatriz de Lucena.
A ideologia Juche, a propaganda e o endeusamento da família
Kim da Coreia do Norte / Beatriz de Lucena Rigueira. – Recife, 2022.
44 f.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Luciana Lira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Identidade. 2. Juche. 3. Construtivismo. 4. Coreia do Norte. I.
Lira, Luciana. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2022.2-022)

BEATRIZ DE LUCENA RIGUEIRA

**A IDEOLOGIA JUCHE, A PROPAGANDA E O ENDEUSAMENTO DA
FAMÍLIA KIM DA CORÉIA DO NORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência
parcial para graduação no curso de Relações
Internacionais da Faculdade Damas da Instrução
Cristã.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Lira

Aprovada em 22 de dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Thiago Santos, Doutor em Antropologia da UFPE

Rodrigo Santiago, Professor Doutor da Faculdade Damas da Instrução Cristã

Orientadora Luciana Lira, Professora Doutora da Faculdade Damas da Instrução Cristã

Recife
2022

Dedico este trabalho ao meu pai, a ele todo o meu amor e agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a todos os meus professores neste último período de faculdade, que me ajudaram imensamente com minhas dúvidas constantes e com meus pedidos de compreensão. À minha mãe, agradeço por sempre me mandar artigos e matérias que teriam uma relevância no meu trabalho. Aos meus colegas, chefes e amigos do trabalho pela paciência nos dias em que não pude produzir tanto pois estava focada na minha tese. À rede de apoio incondicional das minhas melhores amigas, que sempre se fizeram presentes, assim como todo o amor, suporte e paciência do meu namorado, Rafael, amor da minha vida. Agradeço à minha orientadora, por ter encontrado tempo para os meus desesperos e lidado com tudo de uma forma extremamente paciente e elegante. Finalmente, agradeço e dedico este trabalho ao meu pai, pois sem ele nada seria possível. Para ele vai todo o meu agradecimento e amor.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A Ideologia Juche, A Propaganda e o Endeusamento da Família Kim na Coreia do Norte” da autora Beatriz de Lucena Rigueira, orientada pela Professora Doutora Luciana Lira, foi uma revisão bibliográfica de tudo que engloba os três pilares do título e de como esse conjunto está no centro da construção de identidade norte-coreana. A autora utilizou da Teoria do Construtivismo e da definição de uma identidade de Wendt como referencial para o uso da Ideologia Juche, da propaganda e do culto à personalidade na identidade nacional da Coreia do Norte. Sendo este o objetivo da pesquisa, a autora utilizou o método qualitativo para esta revisão bibliográfica. Com o primeiro capítulo tendo sido uma explicação do método construtivista e suas lógicas de construção de identidade e o segundo capítulo uma amostra de como os três pilares do título se entrelaçam, o terceiro capítulo juntou os dois para a conclusão de uma lógica.

Palavras-chave: Identidade; Juche; Construtivismo; Coreia do Norte.

ABSTRACT

This thesis, entitled “The Juche Ideology, The Propaganda and The Deification of the Kim Family in North Korea”, from the author Beatriz de Lucena Rigueira, oriented by P.h.d Luciana Lira, was a literary review of everything that involves the three aspects mentioned in the title and how all three of them are in the center of building a north korean identity. The author made use of the Constructivist Theory and the definition of an identity made by Wendt as reference when trying to explain the Juche Ideology, the propaganda and the cult to a personality in the north korean national identity. That being the goal of this research, the author utilized the qualitative method, as it was a qualitative research. Being the first chapter an explanation of the constructivist method and its logic of identity building, and the second chapter a sample of how these three pillars from the title are entwined, the third chapter bounded the first two into a logical conclusion.

Keywords: Identity; Juche; Constructivism; North Korea.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CONSTRUTIVISMO E A IDENTIDADE NACIONAL.....	12
3	OS TRÊS PILARES DA IDENTIDADE NORTE COREANA.....	22
3.1	IDEOLOGIA JUCHE.....	22
3.2	A PROPAGANDA.....	26
3.3	O ENDEUSAMENTO DA FAMÍLIA KIM.....	30
4	O JUCHE E O CONSTRUTIVISMO.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O Juche é a ideologia utilizada na Coreia do Norte que preza a questão da autossuficiência. O Juche vai além de somente uma ideologia, mas é também uma filosofia política que é introduzida desde o nascimento e até a morte do norte-coreano. A conhecida política de portas fechadas que a Coreia do Norte utiliza é baseada nessa questão de autossuficiência econômica e geopolítica, onde a presença de outros Estados em assuntos que somente dizem respeito à Coreia do Norte, é inexistente.

O Juche também parte da noção que as massas populares são vistas como independentes, mas ainda necessitam da ajuda do Estado para moldar um cidadão no “caminho correto”, para que ele possa se tornar a melhor versão possível e com isso, um cidadão ideal. Este Trabalho de Conclusão de Curso mescla a ideia da ideologia Juche, que é promovida pelo governo desde 1977 e o jogo de propaganda, que é tão profundamente impregnado no núcleo do que é ser um norte-coreano e no que é servir ao seu Estado da maneira correta, que é a única maneira permitida de ser, de existir.

No topo de toda essa esquematização, como uma forma de amarrar o Juche e a propaganda estatal juntas, está o ‘endeusamento da família Kim’, onde seus membros deixam de ser meros políticos estrategistas e passam a ser vistos a partir de uma perspectiva quase religiosa, como deuses, onde o que é dito e estabelecido por eles não é somente lei, mas a única verdade possível.

Este trabalho argumenta e tenta explicar essa ligação entre estes três aspectos importantes que moldou o que hoje é a Coreia do Norte. Ele tenta explicar como o conjunto do Juche, da propaganda e de uma possível santificação deste partido político criou mais que uma ditadura comum, mas um Estado totalmente fechado que faz com que seus cidadãos vivam em uma realidade paralela e distante da do mundo capitalista ao seu redor, gerando assim uma certeza de que a única maneira possível de se viver é a oferecida pela família Kim.

Esta pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica que junta a ideia do construtivismo e a lógica da construção de uma identidade de Wendt, para então explicar a criação da identidade norte-coreana e de como essa identidade foi moldada desde a formação do estado socialista da Coreia do Norte em 1948, usando a lógica de identidade nacional dentro do construtivismo.

A metodologia utilizada neste trabalho, qual seja o tipo de pesquisa que será utilizada, é a de formato qualitativo, sendo esta por meio de pesquisas bibliográficas utilizando análises de artigos, livros, documentários, reportagens e teses que falam sobre a utilização destes três

tópicos principais, seja separadamente ou conjunto, para que uma revisão bibliográfica completa possa ser feita, assim como a demonstração e prova de que isso é um problema crescente na sociedade e política norte-coreana que pode sim, afetar toda uma comunidade internacional. Outro método utilizado, porém, não tão predominantemente, será o de estudo de caso, onde existe a intenção de explorar e descrever situações reais, formular hipóteses, desenvolver teorias e explicar variáveis dentro da minha pesquisa.

O enfoque teórico desta pesquisa vai conter uma abordagem construtivista dentro dos estudos das relações internacionais e de explicações da política externa dentro da lógica de identidade nacional de Wendt.

Este trabalho utilizou o método qualitativo. Mais especificamente, utilizando o estudo da pesquisa bibliográfica para a formação de uma revisão bibliográfica. Assim como o método qualitativo, esta pesquisa trabalhou com o universo dos significados, atitudes, valores, crenças e motivações. E é por meio dela que se busca compreender a complexidade de certos fatos ou fenômenos (SILVA, 2021).

Reiterando, esta pesquisa foi uma análise dos fatos partindo de uma extensa pesquisa bibliográfica e teórica. Essa abordagem, na perspectiva de Flick (2004), diz respeito às relações sociais e a vida em sociedade e na formação de uma identidade, seja ela nacional, pessoal, profissional, etc. Levando em conta que esse projeto falou da sociedade norte-coreana dentro desses três pilares fundamentais e que regem a sociedade em um todo (ideologia Juche, a propaganda e o endeusamento da família Kim), a abordagem qualitativa se encaixou perfeitamente na metodologia deste trabalho, onde se utilizou por demais os trabalhos de Wendt.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é abranger os 03 (três) pilares que compõem a sociedade norte-coreana: A ideologia Juche, a propaganda e o endeusamento da família Kim em uma forma de análise através de uma revisão bibliográfica. Já os objetivos específicos consistem em:

- Ter um entendimento não deturpado por conceitos parciais ocidentais da Coreia do Norte.
- Descrever a ideologia Juche, assim como sua influência social e religiosa e no jogo de propaganda da Coreia do Norte para com seus cidadãos.
- Levantar dados de como esses três pilares descritos no título podem influenciar e até moldar todo o núcleo de uma pessoa dentro de sua ideia de construção de identidade étnica.

2 CONSTRUTIVISMO E A IDENTIDADE NACIONAL

Este Trabalho de Conclusão de Curso vai utilizar da Teoria do Construtivismo, na qual a identidade de um Estado motiva suas preferências e conseqüentes ações. Pois, um Estado somente percebe outros Estados de acordo com a identidade que foi atribuída a eles e a sua própria identidade através de sua prática social diária (HOPF, 1998). Dito isso, o construtivismo vem se afirmando desde o final da década de 80 como uma das mais importantes abordagens teóricas no campo das relações internacionais. É uma teoria que reúne aspectos da sociologia, filosofia e psicologia social. Por ser uma teoria heterogênea, é importante ressaltar que esse trabalho aborda aspectos da construção de uma identidade nacional e suas políticas externas.

O construtivismo não se insere nas relações internacionais de uma forma mais substancial, como o neorealismo por exemplo, pois o construtivismo não nos diz como o mundo é, mas oferece uma análise ou uma teoria, para que assim possamos refletir sobre o assunto (WENDT, 1987). Portanto, o construtivismo se qualificaria como sendo uma abordagem holista e idealista (WENDT, 1999).

Essa abordagem idealista é também diferente do materialismo, que considera a realidade primeiramente por fatores materiais, sendo o idealismo a noção que a realidade é primeiramente determinada por fatores como a distribuição de ideias ou conhecimentos, sendo a abordagem materialista somente relevante quando coberto de significados pelos agentes (WENDT, 1999). Um exemplo que Weber oferece em seu livro, publicado em 2019, é o das capacidades materiais dos EUA, onde o mesmo tem uma relevância para o Canadá, enquanto tem outro totalmente diferente para Cuba, ou seja, os agentes agem com base no significado do objeto para eles.

A parte holista do construtivismo diz respeito à relação agente-estrutura sendo mutuamente constitutiva, ou seja, a estrutura é tida como a distribuição do conhecimento e das ideias, onde somente os agentes podem dar veracidade ou não (WENDT, 1999). Os construtivistas focam no conhecimento intersubjetivo, onde ideias são compartilhadas coletivamente, assim como os padrões de comportamento a que elas dão origem (WENDT, 1999). Esse é um dos motivos pela qual a teoria do construtivismo é relevante para o assunto abordado nesta pesquisa, a junção de três aspectos da cultura norte-coreana (a ideologia juche, a propaganda e o endeusamento da família Kim) que moldam o cidadão norte-coreano e que compõem, entre si, o coração da Coreia do Norte.

Os agentes nesse caso, seriam os fatos sociais externos, tais quais: normas, regras, instituições, ideologias, etc. É interessante mencionar que os agentes podem ter um conhecimento parcial, errado e até desconhecer esses fatores, sendo o seu efeito observável. Esse é o caso do efeito da propaganda na Coreia do Norte, como será mencionado no próximo capítulo, onde muitos nem sabem que a mesma está tendo um efeito sobre eles (sendo os agentes todos aqueles que seguem a ideologia do Juche e todas as suas normas e regras) ou como os estrangeiros somente têm uma visão parcial de tudo que realmente acontece dentro da Coreia (o agente nesse caso sendo instituições, normas e ideologias majoritariamente ocidentais).

Esses efeitos podem ser de natureza causal, constitutiva, ou ambos. Uma teoria causal explicaria por que tal fator causa determinado efeito e as suas entidades são tidas como independentes uma da outra, sendo o fator prévio ao efeito. A constitutiva tenta responder como um determinado evento foi possível, tentando entender dito evento, buscando primeiramente, entender o fator e o efeito (WENDT, 1999). Portanto, no construtivismo, os agentes atuam a partir de uma lógica de adequação, não agindo, assim, de uma forma consequencialista, já que não podemos ignorar a força dos fatos sociais, já que os interesses dos agentes são sempre instáveis e internos. Segundo a lógica de adequação, a ação individual significa a manifestação de uma identidade e o cumprimento de todas as obrigações relacionadas a ela em uma situação social.

Esses agentes não são simplesmente marionetes da estrutura social, mas têm reflexos e posicionamentos independentes da mesma. A identidade diz ao agente quem ele é, mas o entendimento dessa identidade depende do reconhecimento dos outros, sendo esse um fator intersubjetivo (WENDT, 1999). Exemplo: uma pessoa pode se achar um professor, mas os alunos não o reconhecem como tal, sendo assim, sua interação não funcionará e sua identidade como professor não será válida.

O mesmo pode se dizer de um líder, que somente terá esse poder de liderança se for reconhecido como tal. Isso revela o caráter social da identidade, como no caso do professor, onde sua identidade deriva de sua posição social na instituição chamada escola, que é referente a estrutura social na qual participamos.

Entretanto, o conceito de identidade vai mais fundo que isso, pois além de professor, o cidadão do exemplo pode se identificar como pai, marido, recifense, entre outros. Essas identidades têm formas e funções diferentes e são ativadas em diferentes situações sociais. São por esses motivos que a identidade é fundamental na pesquisa construtivista, assim como todos os fatores internos na construção de identidade do agente, pois uma teoria de identidade

dos Estados, que no caso dessa pesquisa seria a identidade norte-coreana, não estaria completa sem um componente e sem uma análise interna e de todos os fatores internos (WENDT, 1999), sendo os fatores internos desta pesquisa: a ideologia juche, a propaganda e o endeusamento da família Kim.

Entendido o fato de que os agentes são influenciados pelo contexto social, o problema que os construtivistas tentam responder é como isso acontece e que resultados eles têm (FINNEMORE; SIKKINK, 2001). Um exemplo é a pesquisa dos autores Finnemore e Sikkink, que explica como as normas se formam, difundem e coagem os agentes na sua percepção de identidade e esta pesquisa tenta entender e analisar, através de uma revisão bibliográfica, como essa identidade coreana se forma, como ela coage seus agentes, como ela se difunde no mundo em que vivemos e a partir disso, como entendê-la melhor.

Métodos como análise de conteúdo, análise discursiva e estudos de caso são muito utilizados dentro do construtivismo para decifrar e medir os componentes e fatores sociais, oferecendo evidências empíricas através de diversos métodos, sendo o caso dessa pesquisa o método qualitativo.

Usando agora do conceito de anarquia, que é entendida nas relações internacionais como a ausência de um governo ou autoridade, que também é considerada uma estrutura social que afeta as identidades e interesses dos Estados. Sendo ideacional e não seguindo uma lógica específica, é um fenômeno que permite várias lógicas diferentes, que dependem do tipo de estrutura social a que vão ser inseridas.

Continuando na lógica de Wendt, o mesmo apresenta três formas de anarquia: hobbesiana, kantiana e lockeana. Essas três lógicas se baseiam nos demais papéis do eu e do outro dentro de um sistema internacional: inimigo, rival ou amigo. Nesse caso, as representações coletivas do eu e do outro não são vistas como propriedade dos agentes, mas sim como propriedades da macroestrutura. Essa estrutura de papéis é o que configura a posição dos sujeitos através de ideias que são compartilhadas.

Wendt também menciona que existem três graus de internacionalização de culturas onde o Estado escolhe se aceitará as regras e normas através de uma imposição, através do seu próprio interesse ou simplesmente decidir que elas são verdadeiras e assim sendo, legítimas. A Coreia do Norte se encaixaria dentro da anarquia hobbesiana, já que essa lógica se baseia na sobrevivência e na autoajuda, gerando um ambiente internacional de inimizade e rivalidade (WENDT, 1997).

A Coreia do Norte está sempre em alerta, como vai ser explicado no próximo capítulo, considerando todos os países estrangeiros (menos a Rússia e a China), especialmente os

Estados Unidos, como uma ameaça constante. Sua capacidade militar é extrema e o ensino que é passado para jovens e crianças é de que seu país é alvo iminente de ataques violentos por parte do ocidente, gerando desde cedo uma visão de medo e de auto enclausuramento.

Esses sistemas internacionais podem ser globais ou regionais, provendo diferentes contextos de interação que podem atrapalhar ou facilitar a formação da identidade coletiva. Portanto, é certo dizer que o papel das ideias é a chave para entender a relação entre interesses e identidades, sempre em interação e sempre atuação no que diz respeito aos agentes. A identidade tem uma qualidade sistêmica, levando em consideração o outro de uma forma relacional. Risse et al menciona o seguinte em seu livro:

New ideas including principles, beliefs, knowledge, and new identity constructions are the more likely to impact upon and be incorporated in norms, consensual knowledge and collective identities, the more they resonate with given norms, knowledge structures and traditional identities embedded in political institutions and collective cultural understandings (THOMAS RISSE et al., 1999)¹.

No processo de construção identitária, a partir do momento que se entende a identidade nacional como uma entre as várias narrativas identitárias possíveis, o indivíduo ganha certa autonomia. Em vez de ser o objeto de uma nacionalidade, o sujeito tem em certo modo, a escolha de se auto definir dentro de uma história nacional. O que acontece então, quando a ideologia de uma nação está tão intrinsecamente ligada a um indivíduo que ele perde essa escolha de auto inserção?

Tendo a identidade nacional como herança pressupõe algo que é inato, sendo ela um conjunto de características que seria herdado ao se nascer em determinado país, traços comuns de uma etnia ou nacionalidade, como por exemplo os olhos puxados característico da maioria dos países asiáticos. Indo além das características físicas, a herança de uma identidade nacional traria consigo também um certo comportamento, modo de pensar e de sentir e se inserir no mundo. Esses dados seriam carregados nos genes sem ter muita escolha inicialmente em mudá-los. Essa visão é vista como determinista das identidades, dando ao indivíduo o papel de objeto dentro dessa suposta identidade nacional, não agindo sobre ela e somente sofrendo sua ação.

Entretanto, aceitar essa visão implicaria acreditar que todos os indivíduos de uma nacionalidade partilham um dado conjunto em seus genes, do qual não podem fugir, ficando

¹ Novas ideias, incluindo princípios, crenças, conhecimentos e novas construções de identidade têm uma probabilidade maior de impactar e serem incorporadas em normas, conhecimentos consensuais e identidades coletivas. Quanto mais eles repercutem com tais normas, estruturas de conhecimento e identidades tradicionais embutidas nas instituições políticas e entendimentos culturais coletivos (THOMAS RISSE et al, 1999, tradução nossa).

condicionados para sempre a certos comportamentos. Essa afirmação, porém, não condiz com a realidade em que vivemos nos dias de hoje com indivíduos que moram em uma mesma nação, sendo difícil defender essa visão nos tempos modernos. Apesar dessa teoria existir, não seria com base nela que este Trabalho defende a formação de personalidade e características comportamentais dos norte coreanos dentro de seu país, mas sim por conta dos três pilares norteadores que compõem o título desta pesquisa.

A identidade nacional também pode ser formada como aprendizado, podendo elas serem ensinadas. Ou seja, essa identidade não nasce com o indivíduo, mas começa no início do processo de socialização.

Essa socialização a qual o indivíduo é exposto ensina o comportamento de uma dada maneira, assim como os pensamentos e os sentimentos baseados em um modelo social preestabelecido. Esse processo acontece às vezes sem a percepção do agente, ocorrendo sem ser intencional, mas ocorrendo de uma forma ensinada. Essa linha de raciocínio funciona somente perante a aceitação de um modelo, ou seja, de um modo de ser em que o indivíduo se identifica nacionalmente.

Tal modelo teria sua réplica em todo o território nacional através desse sistema de ensino social, incluindo as instituições de ensino e o ambiente social. Essa lógica também não consegue explicar as diversas formas complexas da personalidade de um indivíduo na nossa sociedade, restando somente o formato de uma caricatura estereotipada daquele sujeito. Apesar do sistema educacional ter sua parcela de importância e relevância na formação de uma identidade, ela não tem o papel decisivo nesse processo de construção de uma nação. Apesar disso, esses estereótipos têm força direta ou indiretamente em símbolos, discursos, imagens, seja no imaginário nacional ou no sentido amplo, de uma forma recorrente.

A identidade nacional também pode ter um aspecto de construção, supondo que ela não é aprendida, mas sim construída e desconstruída repetidas vezes dentro de um contato com o outro, sendo elas construídas dentro de um processo relacional. A identidade pode ser usada, dentro desse contexto, como um recurso do qual o indivíduo utiliza para defender ou conquistar uma posição (TANN, 2010). Sendo usado como meio de mediação entre os indivíduos, o discurso é um dos recursos utilizados na construção dessas identidades, seja ele um discurso trocado, falado, escutado ou obedecido. Foucault uma vez situou o discurso como uma forma de organizar significados, pelo meio linguístico, aos sistemas de conhecimento e de poder que o sujeito assume. Todavia, o sujeito não age com sua total liberdade, existindo uma série de elementos que conformam e compelem esse processo de

construção, são eles: temperamentos, história de vida, processo de socialização e hábitos e costumes adquiridos desde a infância.

A capacidade de disseminar e selecionar informações é relevante dentro do sistema de comunicação assim como é no de educação, crença religiosa, valores e princípios, etc. Essa comunicação é firmada no cotidiano via símbolos, pelo marketing e especialmente pela conversa no dia a dia. A identificação e a diferença aparece de supetão, ou até como um gatilho, durante o contato com o outro, levando a tona esse ‘estereótipo’ nacional.

Uma imagem nacional se cria a partir da fala de diversas fontes, sendo elas oficiais ou não. A natureza da construção discursiva das identidades, incluindo as nacionais, pode ser tida como relacional e processual (TANN, 2010). A natureza relacional é construída através de uma relação de comparação com o outro, buscando as semelhanças e as diferenças, pois ora, não seria o próprio conceito de identidade um conceito plural?

Já a natureza processual é construída ao longo do tempo, com peças que se conectam para montar uma engrenagem, que somente um conjunto de pessoas poderia definir como uma identidade ou, pelo menos, a sua ideia. Ainda, esse caráter processual vê a identidade como algo breve, diversa e mutável. Breve pois termina com a conclusão de uma interação processual, diversa pois há um desenvolvimento de uma pluralidade de variáveis e mutável pois é suscetível, podendo mudar de acordo com as variáveis. O discurso do dia a dia é extremamente marcado por um caráter nacional e cultural. É aí que entraria a ideologia, que traz um sistema de pensamentos, crenças e valores.

Sobre isto, em seu livro, Gouveia (2001, p. 338) menciona seguinte: “o sistema de pensamento, valores e crenças denota um ponto de vista particular sobre o real, uma construção social da realidade, independentemente de aspirar ou não à preservação ou à mudança da ordem social”.

Cada nação tem sua própria linguagem pertencente, que é construída e desconstruída ao longo do tempo através do discurso, moldada a partir de várias fontes, sendo essas fontes o Estado, instituições políticas e econômicas, associações de temas diversos, redes de ensino, a mídia ou até mesmo o indivíduo e se realiza e se propaga das práticas sociais que resultam em condições materiais e sociais que o indivíduo se sujeita. O discurso, nesse caso, tem um papel essencial na disseminação das identidades nacionais.

Além disso, Wendt também enumera quatro tipos de identidades que os estados podem ter ao mesmo tempo. A primeira seria a da identidade pessoal, que gera uma consciência do eu que é separado do resto do grupo e separado da atividade e do pensamento. Esse tipo de identidade é diferente dos outros grupos por ter um aspecto de unidade, ou seja,

por ser unitário, sendo relevante somente a partir do autoentendimento (WENDT, 1999). A segunda fala sobre características que são compartilhadas e de um cunho social, como por exemplo a língua, o idioma. A terceira é meramente o papel que um indivíduo ocupa em sua estrutura social, tendo que cumprir certas normas de comportamento.

Agora exemplificando a Coreia do Norte mais uma vez, tema desta pesquisa: existe uma relação com o primeiro e o terceiro grupo, já que, em relação com a primeira identidade, o papel do cidadão em uma sociedade onde a individualidade de cada um é desestimulada acaba virando somente em prol do governo e não a seus próprios interesses. Ademais, fazendo relação ao terceiro grupo, cada um tem que exercer seu papel corretamente dentro da estrutura social estabelecida por sua ideologia (Juche) e pela família Kim e para que isto seja possível, a primeira identidade tem que ser esquecida. A quarta identidade seria a coletiva, formada através de uma combinação entre a corporativa, a pessoal e o da função, incluindo todas em uma só. Nesse cenário, registra-se:

Identification is a cognitive process in which the Self-Other distinction becomes blurred at the limit transcended altogether. Self is 'categorized' as Other. Identification is usually issue-specific and rarely total (...) but always involves extending the boundaries of the Self to include the Other (WENDT, 1999)².

Para explicar melhor a citação acima, esse tipo de identidade, qual seja o quarto tipo, força os atores a definir o bem-estar do próximo como se ele fosse parte do eu, sendo essa uma relação de extremo altruísmo (WENDT, p. 229). Assim, a identidade coletiva acaba se classificando como uma identidade social, tendo como maior característica o fato de não se basear nas propriedades dos agentes, existindo somente uma relação com os outros.

Logo, essas identidades sociais são significados que um indivíduo atribui a si, mas sempre levando em consideração a perspectiva do próximo (WENDT, 1996). Esse é um tipo de identidade muito comum em países que se dizem comunistas ou socialistas, pois todos, apesar de terem suas características e identidades particulares, trabalham e vivem em função do coletivo, para que então não somente o indivíduo se beneficie, mas toda a massa trabalhadora também.

Ainda assim, existem limites para essa identidade coletiva, sendo o primeiro o fato que eles dependem da relação entre os agentes. A segunda é que ela só funcionará comportamentalmente a depender do propósito almejado, sendo ela 'issue specific'. O terceiro

² Identificação é um processo cognitivo na qual a distinção entre o Eu e o Outro se torna embaçada no limite, transcendendo completamente. O Eu é 'categorizado' como o Outro. Identificação é normalmente específica do problema e raramente completa (...) mas sempre envolve a extensão dos limites do Eu para incluir o Outro (WENDT, 1999, p. tradução nossa)

e último limite é que ainda existe a possibilidade de existir tensão entre as partes no caso de uma identidade egoísta no que se diz respeito a individualidade (WENDT, 1999). É por conta desses limites que Wendt fala sobre os ‘círculos concêntricos de identificação’, podendo existir uma variação gradual, ou seja, a identificação com o outro depende de quem é o outro.

Concluindo esse pensamento, basta dizer que “os Estados sempre procurarão preservar sua individualidade, mas isto não exclui a possibilidade de tornar os termos dessa individualidade mais coletivos” (WENDT,p. 364). Assim que os Estados criam uma identidade coletiva, a mesma passa a ser uma base de todos os interesses comuns, gerando uma lógica de anarquia em comum. Wendt discute sobre os interesses, sejam eles objetivos ou subjetivos, dos Estados de uma forma que os objetivos sempre irão fazer referência às necessidades imperativas, ou seja, que existem independentemente da vontade do agente e, quando não realizados, a identidade não se manterá.

O interesse nacional tem que sempre ser objetivo, com a reprodução e segurança do Estado em primeiro lugar, sendo assim: sobrevivência física, autonomia, bem-estar econômico e autoestima coletiva. Já os interesses subjetivos são mais sobre como atender as necessidades da identidade, sendo eles motivados por tal comportamento. Pois ora, não é mais sobre a reprodução da identidade, mas sim sobre como ela deve ser produzida, como deve ser feita. Para Wendt (p. 240), os interesses objetivos e subjetivos têm que estar enraizados em determinada concepção da identidade.

Esse conceito é interessante para essa pesquisa quando se fala da segurança e defesa militar norte-coreano relacionado ao desejo de autonomia da ideologia Juche, assim como da autoestima, se enraizando na identidade coletiva de ‘não dependo de ninguém, não preciso de ninguém e devo ser uma ameaça para todos já que sou um alvo para todos’, posição que é adotada pela Coreia do Norte e ensinada para toda a sua população.

Essas identidades e interesses são formados de acordo com a estrutura ideacional através da interação. Ademais, essa interação é entendida dentro de um sentido mais amplo, cobrindo não só uma tentativa de conseguir aquilo que foi desejado, como também sustentando e reproduzindo as várias concepções do eu e do outro que geram os interesses. Com relação às formas de interação, Wendt fala sobre dois tipos: comportamental e retórica. A interação comportamental fala que, uma vez reiterados os votos de cooperação, os mesmos podem gerar um aumento na relação entre os agentes, gerando um processo de aprendizado entre as identidades e os interesses. Portanto, é que:

An actor will gradually change its own beliefs about who it is, helping to internalize the new identity for itself. By teaching others and themselves to cooperate, in other words, actors are learning to identify with each other, to see themselves as a 'we' bound by certain norms (WENDT, p. 57)³.

Já a prática retórica gera efeitos através de um modo diferente, com ação simbólica, tomada de consciência, ideologia, diálogo, educação, discussão e persuasão. Essa prática sugere que o mundo é feito de significados compartilhados que por sua vez podem ser manipulados (WENDT, p. 57-58). É aí que entra novamente o tópico do simbolismo e das práticas discursivas, o efeito da propaganda exacerbada da Coreia do Norte, manipulando notícias e controlando o acesso a elas de sua população, assim como todo o discurso que valida essas notícias e acesso manipulado.

Por isso que, entender o processo de interação social tem um valor fundamental para essa pesquisa, podendo até mesmo ser uma contribuição pro campo das relações internacionais de uma forma que o conhecimento socialmente compartilhado pode se tornar uma interação previsível com o passar do tempo (WENDT, 1999). Culturas sistêmicas e agentes se sustentam através de diferentes práticas da política externa, podendo até serem mudadas (WENDT, 1999, p. 313), já que tanto os agentes quanto as estruturas são reflexos do que as pessoas fazem e das práticas sociais que eles reproduzem. O conceito de interação será aplicado neste Trabalho para analisar como a identidade coletiva da Coreia do Norte se reproduz e como ela se sustenta.

O autor Ernest Gellner formulou uma das teorias mais influentes sobre nação e nacionalismo, que concorda com a perspectiva construtivista atual onde se diz que nações não são reais, objetivas ou indispensáveis, mas são construções contingentes e artificiais criadas deliberadamente por várias elites. Também mencionando Rogers Brubaker, autor do livro "Nationalism Reframed: Nationhood and the National Question in the New Europe", as nações não são componentes duradouros da estrutura social, mas são construídas para ser uma 'cortina de fumaça ideológica', sendo a pergunta do que é uma nação aceitar que a mesma é uma construção existencial, quando na verdade o real dessa relação é o nacionalismo. Essa aversão de Brubaker ao conceito de nação não é típica da literatura construtivista, sendo mais aceita pelos céticos do construtivismo, já que o entendimento construtivista de identidade uma nação ou Estado, cultura e nacionalismo não é uniforme.

³ Um ator (ou agente) vai mudar gradualmente suas próprias crenças sobre o que é, ajudando a internalizar a nova identidade para ele próprio. Ao ensinar aos outros e a eles mesmos a cooperar, ou seja, atores que estão aprendendo a se identificar com os outros, para ver a eles mesmos como um 'nós' e se ligam a certas normas (WENDT, p. 57, tradução nossa).

É notório o impacto que a Coreia do Norte provoca no sistema internacional, sendo importante uma análise, através de uma revisão bibliográfica, dentro do campo das relações internacionais. A capacidade militar norte-coreana é uma tentativa de manter seu poder e de manter a sua guarda dentro do sistema internacional.

Wendt explica que, enquanto o materialismo entende os efeitos do poder e do interesse dos agentes por meio das forças materiais, o idealismo entende esse conteúdo por meio das funções das ideias. Wendt então fala das forças materiais brutas, quais sejam: capacidade militar, capacidade tecnológica, geográfica e os recursos naturais e qual o seu efeito na política internacional, como o mesmo diz em seu livro “Social Theory of International Politics”: “It cannot be ideas all the way down”, onde ele conclui que é somente por conta da interação das ideias que as forças materiais têm efeito na política internacional.

Por fim, este capítulo se trata do referencial teórico abordado nesta pesquisa, estudando o conceito da construção de uma identidade nacional e de uma interação social através da teoria do construtivismo, tendo Wendt como um dos principais autores referenciais. A base dessa teoria e suas lógicas são o que norteiam a problematização deste Trabalho e toda a sua revisão bibliográfica.

3 OS TRÊS PILARES DA IDENTIDADE NORTE COREANA

3.1 IDEOLOGIA JUCHE

O Juche é o nome da ideologia utilizada na Coreia do Norte que preza a questão da autossuficiência. O Juche vai além de somente uma ideologia, mas é também uma filosofia política que é introduzida desde o nascimento e até a morte do norte-coreano. A conhecida política de portas fechadas que a Coreia do Norte utiliza é baseada nessa questão de autossuficiência econômica e geopolítica, onde a presença de outros Estados em assuntos que somente dizem respeito à Coreia do Norte, é inexistente. O Juche também parte da noção que as massas populares são vistas como independentes, mas ainda necessitam da ajuda do Estado para moldar um cidadão no “caminho correto”, para que ele possa se tornar a melhor versão possível e com isso, um cidadão ideal.

Kim Jong-Un, o atual líder da Coreia do Norte, vem implantando, talvez até de uma maneira mais brusca, o mesmo regime ideológico, também considerado como um estilo de vida, desde o seu avô e primeiro líder da Coreia do Norte, Kim Il-Sung. Dentro desse regime, os conceitos de família, socialismo e política religiosa estão imersos intrinsecamente no que diz respeito ao Juche. A família é tida como a unidade social principal, assim como o ponto de partida para figuras políticas em ascensão e seus ‘líderes religiosos’ (ARMSTRONG, 2005, p. 383-394).

Nesse mesmo artigo de Armstrong, ele faz uma pergunta relacionada à base do Juche: seria ele um estilo de comunismo primitivo ou uma ideologia que parte de um pensamento tradicional? Poderia o Juche ser nada mais que uma ferramenta, usada pelo estado, para fortalecer posições e pronunciamentos governamentais? Ou talvez, mesclando um pouco com o terceiro ponto do primeiro capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso, que seria o do endeusamento da família Kim, o Juche teria sido formado com o intuito de uma religião (ou talvez uma ideologia que se transformou em uma religião), onde o povo deve acreditar que seu líder é ser humano divino, um super-humano (BANDOW, 2019).

Vários relatos globais mostram a Coreia como sendo uma nação perigosa, irracional, provocativa, totalitária e acima de tudo, extremamente pobre. Por ser uma nação fechada desde a Guerra das Coreias de 1950, fechando sua fronteira para estrangeiros e restringindo a saída de seus cidadãos, que não compartilha informações internas, muitos desses relatos não têm uma base completamente fundamentada, ou não passam de meras especulações, essas muitas vezes feitas com uma perspectiva totalmente ocidental. Entretanto, a visão que temos

hoje da Coreia do Norte, parte muitas vezes de histórias contadas por desertores que conseguem chegar em outros países buscando ajuda. Ocorre que, na maioria das vezes, esses desertores migram por conta da fome, do medo das punições estatais, ou por conta da falta de liberdade. Esses relatos são de fato chocantes, mas não eliminam a parcialidade que muitas reportagens, documentos e livros têm com relação ao que realmente acontece dentro da Coreia do Norte.

Um dos objetivos deste Trabalho é criar uma análise totalmente imparcial dos fatos, principalmente referente a os três pilares que constroem a sociedade norte-coreana, que são exatamente os três pilares que serão discutidos neste primeiro capítulo: a ideologia juche, a propaganda e o endeusamento da família Kim.

A ideologia Juche preza a forma de um indivíduo ou grupo escolher um objetivo em particular, que se torna o único método correto que dá sentido à vida, fazendo assim um link entre idolatria e ideologia (GINKEL, 1982). Idolatria essa que seriam os meios para se obter o sentido à vida, que nesse caso seria seguindo os ensinamentos e comandos dos Kims. Uma das filosofias básicas do Juche é de que ‘o homem é o mestre de tudo e é somente ele que decide tudo’. Quando o autor Kurbanov viajou para a Coreia, ele relatou ter visto diversos cartazes com os seguintes dizeres: “Kim Il-Sung vive para sempre” (KURBANOV, 2019, p. 296-305), ou seja, os cidadãos vêem Kim Il-Sung como um deus, como a forma originária de tudo que eles conhecem como certo e portanto, da forma mais sagrada de obter uma ‘vida sagrada’.

Belke afirma que o Juche é a décima maior religião que ainda não foi estudada por uma perspectiva missiológica (BELKE, 1999, p. 01) e uma prova disso talvez é que nenhuma outra religião é permitida na Coreia do Norte, a não ser o culto a Kim Il-Sung. Inclusive, muito do Juche vem da tradição Confuciana, que além de ser uma religião, também era um modo de vida.

Para começar a entender o Juche e a sociedade norte-coreana de uma maneira imparcial, é necessário que a ideologia coreana seja analisada por uma perspectiva étnica. A tradição coreana tem um apelo tremendo no que diz respeito à antipatia com a influência estrangeira e o Juche, por sua vez, intensifica esse nacionalismo norte coreano na população. Il-Sung se identificava como o líder, portanto o cérebro do corpo humano, o Partido é o sistema nervoso que coleta as informações e o povo são os ossos e os músculos, executando ordens. Muito da influência comunista presente no Juche vem dos tempos quando Kim Il-Sung era soldado e favoritado por Stalin, que partilhou muito de suas forças soviéticas para

que ele pudesse ganhar poder na Guerra das Coreias. Por conta disso, o dogma marxista-leninista foi aceito como lei desde 1945 até 1952 (BELKE, 1999, p. 173).

Após a morte de Stalin em 1953 e o caos experienciado pela Rússia, a Coreia do Norte também acabou sofrendo desafios políticos por terem retirado seu suporte e por ter a China tentando obter controle da nação. Esse era o cenário do país quando a ideologia Juche foi criada, inicialmente como uma forma de justificar uma série de limpezas brutais para cortar influências soviéticas e chinesas excessivas, assim como eliminar rivais políticos (BELKE, 1999, 173). Era através do Juche e somente seguindo-o, que Il-Sung esperava que a Coreia se tornasse mais independente. O Partido dos Trabalhadores da Coreia começou a desenvolver essa ideia, fazendo com que o Juche se tornasse uma das ideologias mais poderosas que existem, a que busca a independência.

Essa maneira única de mesclar aspectos do marxismo, do leninismo e do confucionismo foi o que criou o Juche como o conhecemos, com a noção de que os humanos são a força condutora da história e os mestres de seu próprio destino (GRZELCZYK, 2012, p. 33-68). Talvez o fato da Coreia do Norte ter um histórico de sempre ter que batalhar pela sua independência, encarando múltiplas invasões como pelos Mongóis, chineses e japoneses, sendo a última invasão japonesa parte da razão pela qual Il-Sung se tornou um soldado comunista, ser o que tornou ainda mais ferrenha essa obsessão por total independência e autossuficiência. O total dessas invasões pode qualificar a Coreia como um dos territórios mais invadidos do mundo (LEE, 2003).

Na constituição de 1974 da Coreia do Norte, Il-Sung constatou que a ideologia Juche era totalmente diferente do marxismo e do leninismo e, portanto, uma ideologia única, assim como especificou que um bom povo é aquele que segue e obedece o seu líder. A restrição do movimento interno foi instrumental para a formação da cultura Juche, pois é através do controle da comunicação, do movimento limitado e do acesso à tecnologia que o Juche foi ganhando cada vez mais força (GÜVEN, 2019).

É por esse mesmo motivo que, após a morte enunciada de Kim Il-Sung, o povo entrou em choque, com muitos até desmaiando ou passando mal. Eles não acreditavam que Il-Sung podia morrer. Por isso voltamos a falar dos cartazes que foram erguidos pelo país onde se dizia: “Kim Il-Sung vive para sempre”. Para o ocidente, a noção de que um ser humano é imortal pode muitas vezes cair dentro do ridículo, o que acaba gerando falsas notícias sobre a cultura norte coreana.

Ademais, são poucos os estrangeiros, quando visitam o país, que conseguem uma definição correta de um norte-coreano sobre o que é o Juche, pois muitos dizem e seguem

somente o que está escrito no seu livro guia da doutrina, especialmente em um lugar onde a maioria da população nem sabe da existência do cristianismo e muito menos sobre Jesus Cristo, o materialismo comunista e sua evolução próspera.

Mais de quarenta mil estátuas de Kim Il-Sung foram construídas na Coreia do Norte e casais recém-casados têm a tradição de visitar pelo menos uma delas para tirar uma foto, acreditando que somente a foto do líder (o mais próximo dele como pessoa) vai poder abençoar a união e o casamento, mas para isso, uma ‘oferenda’ precisa ser feita, por isso eles geralmente levam um buquê de flores para deixar aos pés da estátua, honrando seu deus Kim Il-Sung. Para normalizar esta prática, existe, no centro de toda a cidade norte-coreana, um templo para rezar e honrá-lo.

Nesse contexto, seguir o Juche significa ‘se deixar ser revolucionado e reconstruído na nação’ (LEE, 1997), é ver a política usando a religião e a religião usando a política (LINZ, 2004). Apesar do Juche não oferecer a salvação de uma maneira mais tradicional como nas demais religiões, nele se consegue basear a fundamentação para um totalitarismo extremo, onde engloba não somente seus aspectos políticos, mas também aspectos sociais, comportamentais e religiosos. Ou seja, significa reconstruir sua nação e viver de uma forma independente, usando nossas próprias mãos e nossos próprios cérebros, acreditando na força própria e mostrando o espírito revolucionário de autossuficiência, para assim, poder resolver seus próprios problemas sozinho e ser auto-responsável sob qualquer circunstância.

Parte de exercitar o juche é ter um sistema de defesa nacional seguro, criando assim uma independência militar. O propósito de investir em exércitos e armas é não temer qualquer guerra que esteja iminente e se proteger contra os imperialistas (maiores inimigos dos praticantes do Juche). Aqueles que não estão diretamente usufruindo de armas para contribuir para a construção da indústria de defesa doméstica, têm que se manter ideologicamente preparados, para que assim a frente da nação possa estar unida na mesma ‘superioridade sociopolítica’.

De acordo com o sistema de hierarquia de famílias dentro da Coreia do Norte, somente aqueles que possuem o maior status conseguem seguir com uma carreira militar, já que os soldados são vistos como os maiores defensores da nação. O fator decisivo para Kim Il-Sung no que diz respeito à proteção do país, é a preparação dos propósitos domésticos internos, sendo de suma importância preparar o povo coreano e o exército ideologicamente e fisicamente para lidar com a guerra, assim como com a capacidade de poder contar com um país economicamente independente.

Por que uma nação independente e autossuficiente é tão importante para o Juche? De acordo com Il-Sung, é importante para manter uma integridade política e para poder alcançar uma prosperidade nacional. Ele temia que uma dependência econômica poderia transformar a Coreia do Norte em um satélite político de outros países, tornando-se impossível construir uma república socialista de sucesso sem o material e as tecnologias que viriam de uma economia nacional independente.

Essa economia utópica teria que ter uma base industrial pesada, centralizada na formação de uma indústria de construção de máquinas para a agricultura, transporte e todos os outros fatores de uma economia, sendo a independência na produção de comida um dos fatores mais importantes que devem ser mencionados. No entanto, ser independente e autossuficiente não é sinônimo de se isolar e o próprio Kim Il-Sung já reconheceu que a Coreia do Norte não conseguiria sobreviver sem a ajuda significativa de seus aliados comunistas. É por esse motivo que ele influenciava a cooperação entre países socialistas (LEE, 2003).

3.2 A PROPAGANDA

Desde já, nota-se que o jogo de propaganda da Coreia do Norte é tão profundamente impregnado no núcleo do que é ser um norte-coreano e no que é servir o seu estado de maneira correta, que é a única maneira possível de ser, de existir. Ao mesmo tempo, mesmo pelos olhos de observadores competentes, a imagem da Coreia do Norte é bastante estereotipada, deixando espectadores e políticos com uma visão da Coreia de 10 (dez) anos atrás e não o que realmente é.

Por isso, por conta da propaganda tanto dentro da Coreia para a massa coreana, quanto a que nos é passada de uma forma parcial por observadores de países do ocidente, é difícil prestar a devida atenção para as reais mudanças que acontecem dentro do país, assim como o ritmo dessas mudanças em si. A primeira propaganda organizada na Coreia do Norte aconteceu em 1946 e foi chamada de A Federação Coreana de Arte e Literatura. O propósito dessa Federação era ser a engrenagem que funcionava por trás do culto à personalidade de Kim Il-Sung.

Esta segunda parte deste primeiro capítulo vai analisar os dois lados da propaganda que afeta a Coreia do Norte: por um lado temos a propaganda que acontece dentro do país, que é a distribuída para as massas, a mesma que impõe o medo no povo de fazer algo que não

seja considerado correto nas diretrizes dos Kims, a adoração que sentem pelo seu líder, a credulidade em tudo que lhes é dito e sobretudo, o silêncio.

Por outro lado temos a propaganda estereotipada e parcial que é entregue para os espectadores estrangeiros, que é normalmente deturpada dos reais acontecimentos atuais do país. O risco dessa visão, especialmente por uma visão internacionalista de política externa, é construir uma estratégia de comunicação errada, é interpretar situações de uma forma errada e cometer erros quando tentando julgar ações de Pyongyang na política externa (ASMOLOV; LEBEDEV, ano).

Já a propaganda usada dentro da Coreia por seus líderes, não é estritamente uma imitação do comunismo da Guerra Fria, mas um híbrido único do pensamento marxista com a cultura chinesa e japonesa, que por sua vez têm suas políticas baseadas em tradições de séculos atrás. Além disso, o culto à personalidade, que foi especificamente customizado para todos os líderes Kims, teve uma grande influência no mesmo jogo de propaganda.

O artigo intitulado “A discreta transição da Coreia do Norte: diplomacia de risco e modernização sem reforma”, de autoria de Paulo Fagundes Vizentini e Analúcia Danilevicz Pereira (2014), fala sobre a contínua formação de caricaturas norte-coreanos, criados pelos Estados do Ocidente, tornando ainda mais difícil uma verdadeira análise dos processos em curso sobre a Coreia do Norte. Os autores do artigo reafirmam que este é um tema ainda considerado tabu e que o país é visto como um fóssil da Guerra Fria, que vive no limite do colapso. Lê-se o seguinte na introdução do artigo:

(...) o que se observa é uma população que demonstra vitalidade e um hábil regime que domina a arte da política e da diplomacia. Senão, como explicar sua sobrevivência numa situação permanentemente adversa ao que se observa é uma população que demonstra vitalidade e um hábil regime que domina a arte da política e da diplomacia. Senão, como explicar sua sobrevivência numa situação permanentemente adversa? (VIZENTINI; PEREIRA, 2014, p. 176).

Para que possamos analisar corretamente o uso da propaganda dentro da Coreia do Norte, temos que enxergá-la como um dos princípios fundamentais para a sobrevivência do regime, assim como estabelecer a definição de propaganda, explorando o ambiente atual da Coreia, particularmente o uso de medidas restritivas no controle de informação. Conhecido como o ‘reino eremita’, a Coreia permanece um enigma para muitos.

A propaganda é usada, dessa forma, para influenciar pessoas (seja de um lado, ou de outro), o acadêmico F.C Bartlett disse que a propaganda, nada mais é do que uma tentativa de influenciar a opinião pública e assim conduzir, de uma maneira que as pessoas sendo

influenciadas em adotar certas opiniões e comportamentos, o fazem sem procurar por razões definitivas (ROSS, 2002). Uma propaganda de força deve apelar somente para as emoções, e não pela razão.

O uso da propaganda na Primeira Guerra Mundial e por regimes totalitários é bastante referenciado e conhecido. Muitas pessoas pertencentes a países do ocidente podem compartilhar da opinião que a propaganda não surte mais efeito na população ‘evoluída’ do mundo atual, sendo a mesma muito fácil de se reconhecer, porém, seu poder de manipulação e controle é bastante subestimado.

Existem 03 (três) princípios básicos que compõem a propaganda: primeiro é a ideia ou opinião a ser propagada tem que se conectar com algo que o público-alvo já tem uma opinião positiva sobre, utilizando de métodos variados para apelar para esses sentimentos em diferentes níveis, se formando e desenvolvendo em atitudes positivas. Segundo é a resposta positiva sobre a ideia ou opinião, que é reforçada através de manipulações, como, por exemplo, ser mencionado várias vezes pela mídia e pelos jornais.

Por sua vez, a terceira é que a propaganda é disfarçada e usada como explicação, de modo que as pessoas acreditam sem sentirem que estão sendo manipuladas (JOWETT; O'DONNELL, 2012). O regime Kim usa destes 03 (três) princípios na sua propaganda com maestria, utilizando deles para o que ultimamente é o seu objetivo principal: se manter no poder (GILL, 2012).

Como a propaganda na Coreia do Norte se manteve tão efetiva na doutrina do país? A resposta é que para o povo coreano, a propaganda não é uma manipulação e sim um sentimento nacionalista que une toda a nação no amor que eles sentem pelos seus líderes e seus ideais. Para Randall Martin (2003), as influências psicológicas da propaganda devem ser levadas a sério, já que o uso repetitivo de palavras, slogans e monumentos usados emotivamente, gera uma aceitação irracional do poder de uma pessoa sobre eles. Isto porque, as pessoas têm o costume de acreditar em uma notícia se ela for passada repetidas vezes nos jornais e nas mídias como fato, especialmente se ela fizer as pessoas se sentirem melhor sobre as suas situações.

Desde o começo de sua liderança, Kim Il-Sung apelava para grandes notícias idealistas e ainda usava da propaganda para fazer com que grandes mentiras se tornassem grandes verdades. Para isso, o fato da população norte coreana não ter acesso a nenhuma informação do mundo afora, esse poder de persuasão fica ainda mais fácil, pois mesmo a informação não sendo o fato, ou mesmo se estiver errada, eles não têm acesso a nada que possa dizer o

contrário. Portanto, a combinação de uma propaganda intensa e um controle social estrito foi o que permitiu que o regime dos Kims pudesse durar até hoje.

Os norte-coreanos vivem as suas vidas diárias em um ambiente completamente definido pela propaganda e esse ambiente é improvável de mudar no futuro próximo. A falta de exposição deixou um ambiente pobre para a influência das massas e persuasão, deixando esse controle social totalmente nas mãos e à mercê do estado. As medidas de controle social no país são extremamente severas, considerado inclusive, o mais severo do mundo. O público geral não tem quase nenhuma informação a não ser aquela que o governo oferece. Este restringimento inclui a proibição de jornais estrangeiros, televisão, rádio e a maioria da população não é exposta a pessoas de outros países (HASSIG; OH, 2000).

Inclusive, comparações já foram feitas com a era da Guerra Fria na União Soviética e pela Europa Oriental, apesar de que eles ainda possuíam algumas informações do que estava acontecendo no mundo afora, coisa que os norte-coreanos não têm (HASSIG; OH, 2009). Como Hassig e Oh mencionaram em suas pesquisas:

Meio século de propaganda e controle social foi o que formou as atitudes, valores e a formação comportamental que transformou os norte coreanos em socialistas altruístas que obedecem a seus líderes sem questionamento. A tentativa dos Kims de ter controle absoluto, com diversas camadas de mecanismos de controle que reforçam uma cadeia de mentiras, acabou criando uma sociedade estável e resistente a mudanças (HASSIG; OH, 2009).

Independente dos problemas financeiros, falta de alimentos e o regime invasivo e opressivo, é pouco provável que os norte-coreanos estejam dispostos a mudar o status quo. O fato é que, eles não conseguem imaginar nada diferente do que essa enxurrada de informações que eles recebem sobre os seus líderes. Esse nível de controle de informações é pertinente somente às massas e ao resto da população trabalhadora da Coreia do Norte.

Entretanto, existem pessoas que são exceção à regra, ou seja, que não são totalmente ignorantes a informações. Essas pessoas são compostas pela elite, os membros políticos superiores que compõem o escalão superior do Partido dos Trabalhadores Coreanos, que possuem certo conhecimento sobre assuntos internacionais devido às suas posições privilegiadas, assim como sua proximidade com o líder (HASSIG; OH, 2009). Como a camada mais baixa da sociedade não consegue fazer, nem manter, uma rebelião. Ademais, mesmo tendo mais acesso ao mundo estrangeiro, não é provável que a elite desafiará o regime Kim, pois estão sob constante vigilância, o que os mantém sempre em seu suporte.

3.3 O ENDEUSAMENTO DA FAMÍLIA KIM

No topo de toda essa esquematização, como uma forma de amarrar o Juche e a propaganda estatal juntas, está o ‘endeusamento da família Kim’, onde seus membros deixam de ser meros políticos estrategistas e passam a ser vistos a partir de uma perspectiva quase religiosa, como deuses, onde o que é dito e estabelecido por eles não é somente lei, mas a única verdade possível.

O conceito do ‘culto à personalidade’ não é único somente à Coreia do Norte, à Ásia, ao comunismo e ao século XX, mas outros ditadores já utilizaram dessa mesma técnica de endeusamento de um líder para o culto à personalidade, como: Lenin, Stalin, Mussolini, Mao Zedong e Hitler. O culto a um líder, assim como a perspectiva de que são seres divinos, é uma prática que vem desde o tempo de imperadores japoneses, aztecas e faraós egípcios. Entretanto, o nível de adoração e respeito que a família Kim comanda supera o que qualquer outro imperador conseguiu.

O culto aos Kims penetra a vida de todos os norte-coreanos em qualquer lugar que eles vão, pois eles são lembrados da grandeza de seus líderes e todas as coisas maravilhosas que fizeram pelo seu povo. Além disso, eles também são lembrados dos terrores que existem fora do socialismo perfeito que é a sua nação, incluindo os poderes imperialistas, como o Japão e os Estados Unidos, que ‘não vão descansar enquanto não acabar com o estilo de vida em que eles vivem’.

Kim Il-Sung é bastante referenciado como ‘o pai do povo’. Além de pai, ele ainda mostra um lado bastante andrôgeno, usando de sua compaixão suprema para nutrir e defender o povo coreano. Um exemplo disso seria a suposta afeição que Kim teve para com os órfãos da Guerra das Coreias. O estado se apossou dessas crianças e os ensinou a ter Kim Il-Sung como um pai (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2013).

Ainda, para dar mais credibilidade a sua história, fatos não verdadeiros foram criados sobre sua história familiar: que seus pais eram camponeses extremamente pobres que lutavam contra o imperialismo japonês durante o ano de 1920, é fato que a história de Kim Il-Sung se mesclou por completo com a história da nação. Um exemplo de comparação bastante importante é de que, muitos artistas de confiança, assim como escritores e historiadores, foram permitidos pintar quadros, escrever poemas e entre outros, que envolvesse Kim em algum período de sua história contada/inventada, mas com o intuito de ensinar uma lição ou significado para as massas, assim como nas histórias da Bíblia (MYERS, p. 105-106).

Em uma tentativa de se manter relevante no nível global, Kim passou vários anos solidificando seu status como o líder supremo da Coreia do Norte. Ele focou toda a sua atenção em se immortalizar, assim como immortalizar a sua família, nos livros de história. Centenas de estátuas foram construídas durante esse tempo e algumas até foram dedicadas aos seus pais. Para seu aniversário de sessenta anos, em 1972, um novo museu revolucionário, que mostrava diferentes momentos em sua vida, foi construído juntamente com uma estátua de mais de vinte metros de bronze no lugar mais central de Pyongyang. Turistas que vão visitar o país devem levar flores para deixá-las ao pé da estátua, porém não podem tirar uma foto da estátua cortando sua cabeça, nem cortando sua cabeça e, acima de tudo, devem ir bem vestidos, como se fosse uma ocasião extremamente formal, exatamente como devotos e estrangeiros fazem quando entrando em algum templo ou mesquita.

Quando falando da ideologia na primeira parte deste capítulo, esse culto à personalidade, esse endeusamento da família Kim, essa crença impregnada de que todos os membros da família são seres divinos é inteiramente ligada a ideologia Juche, que foi imposta como absoluta e única verdade, mostrando que o único guia espiritual necessário para o povo norte coreano, era seu mesmo guia político: seu Querido Líder. Afinal de contas, esses três aspectos falados conseguem se juntar, se mesclar, para formar uma identidade: a da Coreia do Norte.

Como se observa, este tema é extremamente importante para o campo das relações internacionais e do mundo atual, especialmente no que diz respeito ao compartilhamento de informações e dados nacionais para uma melhor atuação na cooperação internacional. Ao longo dos anos, essa falta de informações disponíveis sobre a Coreia do Norte foi recebida com um certo grau de tolerância, ainda que extremamente criticado.

Porém, a medida que novas polêmicas vão surgindo dentro e fora da Coreia do Norte e a ajuda de Organizações ainda é negada, ou somente aceita se for supervisionada, como foi o caso em 2012 quando Kim Jong-Un rejeita a ajuda de Organizações Não Governamentais sul-coreanas após conversa com representantes norte-americanos na cidade de Pequim. Utilizando da análise de política externa, que é uma subdisciplina das relações internacionais, e ainda estudando a partir da visão da formação de uma identidade étnica norte-coreana e ainda de uma visão de mundo norte-coreana, pode-se estudar essa recusa de abertura política, comercial e social até para receber ajuda.

Com esse comportamento devidamente estudado e discutido, a formação de uma possível solução onde a Coreia do Norte seria incluída dentro de acordos, cooperações, missões, organizações e outros tipos de aspectos internacionais fica possível. Os dados que

podem ser acessados sobre esta nação reclusa às vezes são obtidos através de uma visão parcial e ‘preconceituosa’, onde aspectos culturais são ignorados ou tidos somente através de uma opinião compartilhada, tornando assim extremamente difícil de se encontrar dados primários confiáveis para a iniciação de uma análise, sendo a maioria das pesquisas feitas baseadas em diversas análises já existentes.

4 O JUCHE E O CONSTRUTIVISMO

Diante da ampla análise dos capítulos anteriores, pode-se perceber que há uma linha tênue entre as teorias do construtivismo, da identidade e do Juche, de modo que uma liga-se à outra. O construtivismo é, portanto, uma prática social baseada em aspectos sociais em que o mundo está em constante transformação e construção.

Desse modo, os interesses, as práticas dos entes políticos, consubstanciadas na atividade dos seus gestores, seriam um exemplo do construtivismo, vez que sua externalização ocorrem por meio de seus agentes de governo (NOGUEIRA, 2011, p. 04). A partir da atuação desses agentes políticos, o mundo interno e externo é modificado, construído e regido. Essas atuações moldam ao longo do tempo a identidade do próprio país e sua relação com o resto do mundo (NOGUEIRA, 2011, p. 05).

A identidade enquanto aspecto formador de personalidade, conforme asseverado no primeiro capítulo desta tese, pode ser forjada no indivíduo desde o seu nascimento. Consciência de crença, valores, política, religião, são exemplos de pensamentos e filosofias as quais fica o indivíduo submetido a partir do seu nascimento. É totalmente possível que os ideais de um estado sejam “impostos” a seu povo como forma de garantir supremacia de controle e de pensamento.

À luz da teoria construtivista e dos ideais nos quais ela se baseia pode-se dizer tendo por pano de fundo a Coreia do Norte – objeto deste trabalho – que o povo coreano é submetido desde seu primeiro respiro a uma política de extremo controle e submissão ao poder máximo estabelecido pela família Kim naquele país. Submetidos a um regime de controle em que as ideias propagadas pelo governo e exaltadas como sendo verdades supremas, o povo daquele país não tem outro olhar sobre o mundo exterior e acabam por aceitar e acreditar que tudo que esteja fora do seu país seja algo ruim e perigoso.

O poder e a elite são, portanto, ferramentas das quais a elite dominante no poder se utiliza para manter sob seu comando todos que estão abaixo no sistema. Ideias que tidas como normas e constroem aqueles que a elas ficam submetidos e possibilitam as ações de acordo com a melhor escolha e conveniência do poder maior (NOGUEIRA, 2011, p. 07).

Tem-se então a premissa básica do controle do cidadão norte-coreano por meio da política interna de controle imposta pela família Kim e pelo modelo de identidade atribuído a seus nacionais desde o nascimento, dando a esses a ideia de que o mundo externo é algo totalmente arriscado e somente vivendo atrás de uma muralha é possível estar seguro das condições adversas do resto do universo. A propaganda atua de forma coercitiva no

subconsciente do ser humano e então problemáticas sociais e psicológicas surgem como um resultado da pressão experimentada.

Amparando-se na identidade construída, a teoria do construtivismo refere-se a identificar a importância dos atores e os interesses que eles perseguem, suas motivações e ideais explicam a forma como agem e se comportam. Interesses que pressupõem essas identidades, uma vez que somente é possível descobrir o que se quer quando se sabe quem é (NOGUEIRA, 2011, p. 09). É como se ocorresse uma espécie de lavagem cerebral no indivíduo e tudo que ele pudesse acreditar ou aceitar fosse inserido em seu cérebro, como o poder e a ideia de endeusamento de um governante, como no caso da família Kim.

Segundo Wendt (1994, p. 385) a identidade corporativa do estado teria quatro premissas básicas: segurança física, diferenciando-se dos demais atores; segurança ontológica, causa previsibilidade nas suas relações com o mundo; reconhecimento da soberania no plano internacional, inclusive por meio de força bruta e qualidade de vida a seus nacionais. Aliada a essa ideia de construção da sociedade perfeita, do controle da massa por mecanismos de propaganda e ideologias enganosas, a esse endeusamento do governante surge mais uma filosofia para incrementar esses aspectos, a filosofia/ideologia Juche.

Pode-se definir Juche, embora não haja um significado dicionarizado em língua portuguesa, como “dono do corpo”. Deriva dos conceitos empregados nas definições de marxismo-leninismo e utilizados posteriormente pela realidade coreana na vontade de seus governantes. Para os coreanos, Juche quer dizer uma nova e original filosofia do socialismo científico (JONG II, 2018, p. 13).

A Coreia do Norte se autodeclara como um estado socialista auto suficiente, embora em verdade, haja uma contribuição entre ela e países comunistas e socialistas. Mas aos olhos do mundo, ela declara sua autossuficiência e poderio militar, sendo até certo ponto, protegida e isolada de outras potências. Entretanto, há quem defenda ser a Coreia do Norte um estado totalitarista-stalinista.

Com o fim da guerra de 1950 entre as Coreias, não foi difícil uma mudança no sistema político do país. O sentimento nacionalista era forte e o povo precisava unir-se em um esforço e objetivos comuns para a reconstrução de seu lar e país. Esse trabalho de reparação do pós-guerra rendeu aos norte-coreanos autoestima e valor do seu povo e com esse sentimento já pré-concebido na mente do povo foi fácil alterar o sistema capitalista para o sistema socialista e com isso também ocorreu uma reforma agrária e criou-se uma agricultura estatal e cooperativa (VIZENTINI; PEREIRA, 2014).

A partir desse novo ideal pautado no regime socialista-totalitarista, o povo foi submetido a uma espécie de culto à personalidade do líder e à falsa ideia de uma sociedade corporativa igualitária (VIZENTINI; PEREIRA, 2014). O aprisionamento a uma ideologia e a um único regime de crenças, sem nenhum contraponto possível à sua ideologia de valores, a ideologia Juche, uma vez que a Coreia do Norte isolou-se do resto do mundo, tornando-se a referência suprema para os norte-coreanos.

A ideia de religiosidade do mundo ocidental não existe dentro do território da Coreia do Norte, o cristianismo não é uma prática difundida e conhecida. A informação é restrita às elites e somente eles têm o conhecimento – o alto escalão do governo – sobre outros tipos de crença e valores. Essa elite dominante mantém o poder e o controle por meio de uma propaganda que apenas informa o que a eles convém e desse modo aprisionam os seus povos a uma ditadura informacional.

Importante também mencionar que esse regime socialista e baseado no Juche também encontra respaldo na teoria confuciana, oposta aos ideais do maoísmo, que era um tipo de comunismo bem influente naquele período. Porém, Kim-II Sung – governante naquele período, sofre bastante influência soviética devido às suas relações com Moscou e aproxima-se de um ultranacionalismo, buscando a criação de um regime socialista pautado em ideologias e conceitos próprios. Juche bebe da filosofia de Confúcio e materializa o pensamento desse filósofo em práticas, rituais e crenças difundidas em sua sociedade (ANDRADE, 2019, p. 12).

O construtivismo é, então, uma prática que vem sendo injetada na cultura e na sociedade norte coreana desde a transição do regime de governo capitalista para o regime socialista. Essa identidade nacional é fortemente absorvida pelo povo daquele país que de fato acredita na ideologia imposta pelo seu governante e não se opõem, pois não tem senso crítico de opinião para contestar o que é a eles apresentado, pois toda forma de comunicação é limitada devido ao sistema de controle imposto pela elite dominante e pelo endeuamento do poder máximo, o Kim Jong – Un.

Uma união monolítica, segundo Kim Jong – II, é o que garante segurança e sucesso do modelo socialista coreano. O tripé no qual orienta-se a sociedade norte-coreana é o eixo fundamental do sistema construído por ele e é formado a partir do Estado, Partido e o Líder (ANDRADE, 2019, p. 12).

Nessa mesma linha de pensamento, Juche é a ideologia que por meio de construção ou até desconstrução de outras ideologias do mundo social atua no processo da identidade construtivista de uma nação e até do ser humano. Com esse viés de controle absoluto do povo

pelo seu líder supremo cria-se uma nova sociedade, alicerçada completamente sob novos pilares e valores (ANDRADE, 2019, p. 25).

Juche baseia seus ensinamentos na autoconfiança, na independência do país frente ao resto do mundo e na aplicação da força bruta como defesa suprema. Restringe ao máximo a participação de outras potências e cria a maior autonomia possível, sendo autossuficiente para com suas necessidades (VIZENTINI; PEREIRA, 2014). Esse é o modelo instaurado pelo sistema de poder na Coreia do Norte. Controle pela propaganda, pela ideologia Juche e pelo endeusamento e culto à personalidade do líder, criando a nova sociedade em que o socialismo encarna as necessidades humanas e as alimenta, e assim surge um novo ser humano (ANDRADE, 2019, p. 25).

A ingerência estatal é tão forte que até as músicas são dotadas de propaganda das ideologias por defendidas, tornando-se em instrumentos de propagação e disseminação das ideias propostas. Nos ensinamentos de Andrade:

O que buscamos compreender é a instrumentalização da música para a reafirmação de uma determinada identidade nacional norte-coreana como parte de um projeto cívico conduzido por um estado autoritário e centralizador, cujo regime se utiliza da arte como ferramenta de legitimação. Apropriando-se dela, este estado fomenta uma produção musical com vias à educação ideológica, à doutrinação, ao culto da figura do Líder, ao enaltecimento do Partido e do regime, e à propaganda, tendo como alicerce o Juche – uma ideologia diretiva complexa de núcleo ultranacionalista e origens endógenas (ANDRADE, 2019, p. 34).

Tendo então a identidade, o Juche, a figura do líder no centro de tudo, a Coreia do Norte blindou-se frente aos impactos de atuações de outros países e mesmo da comunidade internacional. Destaca-se que é uma espécie de mundo a parte, tudo minimamente controlado e quase inacessível ao estrangeiro.

Com esses conceitos todos bem definidos, construtivismo surge então como uma onda contrária à ideia de neorrealismo e forja suas próprias teses aos que a ele são submetidos. Nos ensinamentos de Tavares (2022), o mundo que conhecemos não é constituído por uma realidade externa e independente, mas sim por ideias e crenças metafísicas inerentes ao homem e influenciam a sua leitura de mundo e a forma de se posicionar frente a ele.

Não se pode esquecer, entretanto, que mesmo em meios acadêmicos ainda é desconhecida a ideologia Juche, e quem a conhece, trata-a de forma errônea, como se fosse uma subdoutrina de outras ideologias mais conhecidas como marxismo ou leninismo (ANDRADE, 2019, p. 68).

Porém, como já dito em momento anterior, é justamente da doutrina confuciana que Juche surge e se modela. O socialismo Juche dialoga com outro documento que abarca os principais postulados de Confúcio e suas aproximações do marxismo (ANDRADE, 2019, p. 68). Ainda seguindo a esteira deste autor:

De fato, o constructo ideológico proposto por Kim Il-Sung possui peculiaridades que o distingue da teoria marxista. Aquela que, para nós, vem a constituir a principal diferença entre elas é que a Ideia Juche deslocou o sujeito primordial da revolução da categoria “classe” (operária) para a categoria “nação”. A ênfase das explicações e da análise da ordem social também se desloca das estruturas econômicas para as estruturas políticas e ideológicas (ANDRADE, 2019, p. 50).

Não há, portanto, uma aproximação categórica do marxismo. Outro dado importante é que nessa ideologia difundida pela Coreia, não há que se falar em luta de classes. São todos iguais e não há divisão. Não se encontra nos textos fundadores da ideologia Juche nada que remeta à ideia de classes. Nação é o ente principal e transformador da sociedade e personifica-se na figura do líder e, conta com o apoio do povo por meio do partido (ANDRADE, 2019, p. 51). Apesar de não haver uma aproximação do modelo marxista, não se pode negar que o Juche sofreu influências do modelo.

Conforme Andrade, "o marxismo compõe o acorde teórico da ideologia norte-coreana" (2019, p. 50). Todavia, embora haja algum ponto de convergência entre os modelos, o marxismo não constitui a tônica do Juche. Segundo a filosofia Juche, proposta por Kim Il – Sung, o indivíduo é a própria nação, ele deixa de ser ou pertencer a uma classe, razão pela qual (ANDRADE, 2019, p. 50), segundo a ideologia Juche não há que se falar em lutas de classes, e passa a ser a própria nação, a sua identidade. O que justificaria essa aproximação do indivíduo com o estado desde o momento que ele nasce até o final da vida.

Tendo como característica ser autóctone – originário da região em que se manifesta – o Juche repudia o internacionalismo e defende sua construção independente e com autonomia. Segundo suas ideias de mundo, cada país deveria seguir seu próprio modelo e resolver suas demandas com base em suas realidades concretas (ANDRADE, 2019, p. 51). Com vistas a melhor esclarecer o assunto, correlaciona abaixo um pequeno texto explicativo deste mesmo autor:

Por seu caráter autóctone, o juche repudia o internacionalismo e sai em defesa da construção independente, por parte de cada país, do seu próprio modelo segundo suas demandas e realidades concretas. Além disso, o conceito de “luta de classes” está ausente dos textos fundadores do juche e das obras destinadas a explicar e desenvolver a doutrina jucheana anos depois. Nossas fontes também não apontam para aproximações com o Marxismo nem nos conceitos fundamentais, tampouco no

modo de interpretar os problemas nacionais e mundiais. Para o Juche, a Nação é o ente principal e agente da revolução; ela é personificada pela figura do Líder e conta com o direcionamento do representante legítimo do povo, o Partido (ANDRADE, 2019, p. 51).

Essa ideia de que o Estado-Nação dita as regras e que ele transforma tudo pela vontade de seu líder é que remete então à teoria da identidade. Na lógica do construtivismo, o estado pode nesse arsenal de possibilidades transformar tudo por meio de sua vontade exteriorizada pelo seu líder, pelo seu governante. Porém, para que seja possível esse controle massificado de informação e de pessoas, faz-se necessário que o Estado permaneça em alerta e não deixe que as informações do seu país sejam de alguma forma de conhecimento público internacional.

Isolar a Coreia do Norte do restante do mundo é uma forma de proteger seu modelo de vida e seus valores. As pessoas que ali nascem não tem o conhecimento necessário sobre outras culturas, sociedades e acreditam naquilo que lhes é ensinado durante a vida. O culto ao líder, o controle da propaganda, o endeusamento da família Kim, a ideologia Juche baseada no socialismo coreano, são todas ferramentas de controle da massa, enquanto a elite dominante permanece no poder e tem a visão da realidade.

O controle da massa advém, portanto, dessa ideia de identidade, de cultura. Através do uso dessas ferramentas, o construtivismo possibilita entender o cálculo racional dos atores participantes dentro do sistema internacional. Quando as ideias operam como normas, elas não apenas constroem os atores, mas possibilitam também um conjunto de ações sobre eles (NOGUEIRA, 2011, p. 07).

O sistema de controle operado por Kim Jong Un é tão rígido, que até mesmo a arte produzida no país deve estar em consonância com os ditames por ele perseguidos. A única arte saudável, segundo seu próprio pensamento extremista, seria aquela com algo de valor a ensinar e que insufla no cidadão os valores do modelo adotado, como devoção ao líder, lealdade ao partido, espírito sacrificial patriótico, trabalhismo, civismo, nacionalismo, confiança na via socialista coreana – baseada no Juche, um modelo de socialismo próprio da Coreia do Norte – e obediência aos regramentos de maneira inquestionável, pois a vontade do povo é perfeitamente representada por meio de seus representantes (ANDRADE, 2019, p. 108).

O estilo de vida na Coreia do Norte encontra seu fundamento nos dias de sofrimento experimentados pela guerra. O país como uma forma de defesa enclausurou-se do resto do mundo, evitando acordos políticos, amizades com outros governos e experiências novas no plano internacional. Pouco se sabe a respeito da Coreia do Norte. Muitas informações que

vem de lá, são através de desertores ou por meio da mídia muitas vezes manipulada e jogada a interesses de pessoas mal intencionadas.

A Coreia seria o último país do mundo a manter uma estrutura de fortaleza. Sua ideologia única, seus valores servem a sua própria lógica de pensamento (ANDRADE, 2019, p. 49). Toda forma de pensar diferente é bloqueada pelas estruturas do país. O governo lidera com mãos de ferro, afastado das comodidades sociais e dos anseios políticos da sociedade política internacional.

Propagando ideias socialistas, a Coreia do Norte fecha-se em seu mundo totalitário. O seu ideal é essencialmente socialista, porém, reside no socialismo aspectos do comunismo. Baseada na transitoriedade, a sociedade socialista atua por meio da distribuição. A suposta superioridade do regime socialista reside no fato de as massas populares serem, ao menos em tese, donas de tudo, terem união e trabalharem em prol do país, do povo e da sociedade, prevalecendo sempre o espírito de coletividade (SOBRE, 2018, p. 87-88). O estado disciplina e coloca na mentalidade dos seus cidadãos, por meio do construtivismo social e de aspectos da aplicação da teoria da identidade – em que o indivíduo é considerado o próprio estado, e por isso deve sempre trabalhar e viver para o bem da causa comum – que devem sempre perseguir os mesmos ideais do seu país, do seu líder e a ele prestar culto, obedecer cegamente às vontades soberanas emanadas de órgãos de cúpula política, pois os políticos representam a vontade soberana do povo e sobre ela não cabe discussão.

O domínio da massa, do sistema de informação e a não disponibilidade de fatos que ocorrem em solo norte-coreano, faz prevalecer a ideia da ditadura de Kim Il Sung. A identidade do humano confunde-se com a identidade jurídica do ente estatal. Nas palavras de Carolina Dantas Nogueira:

Sendo assim, se para os neorealistas a estrutura anárquica do sistema internacional restringe o comportamento dos Estados que, por seu turno, não são capazes de controlá-la, para os construtivistas a relação entre agência e estrutura é o elemento central para o entendimento acerca do comportamento estatal. Para esta segunda corrente, os atores e as estruturas constituem-se mutuamente. Ao entender os atores em uma estrutura social que tanto constitui quanto é constituída por sua interação, ou seja, o debate sobre agente e estrutura e sua constituição, é possível compreender o papel das estruturas ideacionais como constituidoras ou possibilitadoras de ações no sistema (NOGUEIRA, 2011, p. 06).

Pode-se asseverar, portanto, que olhando mais atentamente aos ditames defendidos e operados dentro das fronteiras da Coreia do Norte, que sua política é completamente apática em relação ao resto do mundo no plano internacional. O controle da mentalidade ocorre por meio de mecanismos de manipulação, como patriotismo, submissão ao líder, construção de

uma sociedade baseada toda em princípios pré-estabelecidos e arquitetados como modelos de servidão e obediência. Não há muitas fontes de informação confiáveis sobre o que de fato acontece naquele país, mas artigos científicos estão sendo cada vez mais publicados tratando sobre a problemática em questão, tentando lançar luz à essa escuridão.

Na Coreia do Norte, o Partido dos Trabalhadores da Coreia (PTC) é o partido dominante. Como forma de hegemonia e manutenção do poder, ele detém 607 dos 687 assentos na Assembleia Popular Suprema e sua atuação é predominantemente comunista (ANDRADE, 2019, p. 51).

Pode-se dizer, então, que a Coreia do Norte detém forte poder bélico e é até certo ponto autossuficiente. A grande problemática reside nas relações comerciais com outros países e também na monopolização da informação e do poder. O supremo governo tudo pode e controla os grupos a seu bel-prazer. Sob ditames socialistas-comunistas e uma espécie de lavagem cerebral por meio do discurso da identidade e da forte influência da filosofia Juche como algo superior ao resto das crenças do mundo, o povo norte-coreano segue isolado do mundo e debaixo do jugo do seu ditador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observado ao longo desta pesquisa, existe uma linha tênue entre o construtivismo e sua lógica de identidade e a construção de uma identidade nacional da Coreia do Norte. De modo que, o presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como intenção fazer justamente essa junção da ideologia Juche, da propaganda e do culto à personalidade que seria o endeusamento da família Kim, explicando como esses 03 (três) componentes se entrelaçam para compor uma ideia de identidade nacional norte coreana.

Para chegar a essa ideia de identidade, utilizou-se a teoria do construtivismo para explicar a lógica do sujeito, como posto no primeiro capítulo. Entendendo essa lógica dos agentes e do sujeito, pode-se ter uma perspectiva mais clara, quando feita a relação entre os três aspectos mencionados no título e a concepção de identidade construtivista. Segundo a lógica de adequação, a manifestação de uma identidade e o cumprimento de suas obrigações o adequa ou não dentro de uma situação social, como no caso desse sentimento de pertencimento dentro de cada cidadão norte coreano.

Este tema é de extrema relevância para as Relações Internacionais no sentido de que estamos vivendo na iminência de novas epidemias, no centro de uma pandemia, com tantos conflitos geopolíticos acontecendo ao redor do mundo, intolerâncias generalizadas e com a incerteza do que pode nos esperar mais no futuro. Com isso em mente, a cooperação dos Estados nunca foi tão importante. A partir do momento em que uma desconstrução deste modelo de controle e ditadura é feita, sendo estudada e analisada desde o início da criação do Juche, juntamente com a percepção do que é essa identidade e como é formada a cooperação internacional fica ainda mais pacífica, clara e obtusa.

Ao escolher um tema tão peculiar quanto o de falar sobre a Coreia do Norte, esta pesquisa buscou juntar todos os fatos e informações que foram colhidos e disponibilizá-los de uma maneira explicativa dentro do campo das relações internacionais, para que o mesmo pudesse servir de base para futuras pesquisas e entendimentos no quesito da formação de identidade norte coreana dentro de um sistema nacional que foi construído dentro da ideologia juche e dentro da cultura controladora da propaganda.

Por fim, ao tentar explicar essa construção de identidade, houve uma conexão explicativa com a teoria do construtivismo e a lógica identitária de Alexander Wendt, que, ao ser explicada, também construiu uma ponte bastante explicativa com o que acontece na Coreia do Norte e, portanto, com seus habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carolline Acioli Oliveira. O. **O som do juche**: a instrumentalização ideológica do k-pop da banda moranbong como ferramenta de legitimidade do regime norte-coreano do século XXI. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, Maceió, 22 mar. 2019. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/12531>. Acesso em: 05 jun. 2022.
- BARBOSA, Priscila Maria Romero Barbosa. O Construtivismo e Jean Piaget. **Educação Pública**, 23 jun. 2015. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/12/o-construtivismo-e-jean-piaget>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- FINNEMORE, Martha; SIKKINK, Kathryn. Taking Stock: The Constructivist Research Program in International Relations and Comparative Politics. **Annual Review of Political Science**, v. 4, n. 1, p. 391–416, 2001. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.polisci.4.1.391>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- GOUVEIA, Carlos. Análise Crítica do Discurso: Enquadramento Histórico. In MATEUS, Maria Helena; CORREIA, Clara Nunes (orgs.). **Saberes no Tempo**: Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos. Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 335-351. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/255010461_ANALISE_CRITICA_DO_DISCURSO_ENQUADRAMENTO_HISTORICO. Acesso em: 04 set. 2022.
- HOPF, Ted. The Promise of Constructivism in International Relations Theory. **International Security**, v. 23, n. 1, p. 171–200, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/isec.23.1.171>. Acesso em: 08 ago. 2022.
- HYONHEE, Shin. Líder da Coreia do Norte pede intensificação de campanhas ideológicas. **CNN Brasil**, 29 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lider-da-coreia-do-norte-pede-intensificacao-de-campanhas-ideologicas/>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- JONG II, Kim. **Sobre a ideia Juche**. 2. ed. Edições Nova Cultura, 2018.
- KLEINER, Jurgen. **Coréia, um século de mudança**. Singapore: World Scientific Publishing, 2001.
- NOGUEIRA, Carolina Dantas. Os atores sociais e a teoria das relações internacionais. **Terceiro Encontro Nacional ABRI**, 2011. ISBN 2236-7381. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000100045&script=sci_arttext#:~:text=Os%20estudos%20sobre%20o%20papel,201). Acesso em: 03 ago. 2022.
- ORSOLINI, A. V. P.; OLIVEIRA, S. F. P. 2010. Estudo de caso como método de investigação qualitativa: uma abordagem bibliográfica. Artigo Científico - Centro Universitário de Franca, 2010. Disponível em: http://pos.unifacef.com.br/_livros/Cultura_Desenv/Artigos/Alba_Sheila.pdf. Acesso em: 01 out. 2022.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz; VIZENTINI, Paulo Fagundes. A discreta transição da Coreia do Norte: diplomacia de risco e modernização sem reforma. **Brasileira Política Internacional**, Brasília (DF), v. 57, n. 2, p. 176-195, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/SyPqFPGgmnqzrrzXDKxVRxw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2022.

REIS, Reisson Ronsoni dos. O papel da identidade na política exterior: uma análise com base nos estudos comparados de Luís Cláudio Villafañe G. Santos e de Federico Merke. **Conteúdo Jurídico**, Brasília, 11 jan. 2019. Disponível em: <https://www.conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/52569/o-papel-da-identidade-na-politica-exterior-uma-analise-com-base-nos-estudos-comparados-de-luis-claudio-villafane-g-santos-e-de-federico-merke>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, Brunna Alves da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; BRITO Ana Paula Gonçalves. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo (MG), v. 20, n. 44, p. 1-15, dez./2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>. Acesso em: 24 jul. 2022.

SIM, Kong Kemudian; HASSIG, Ralph C. **Coreia do Norte através do espelho**. Washington, D.C: Brookings Institution Press, 2000.

SIMANJUNTAK, Fredy; WIDJAJA, Fransiskus I.; BOILIU, Noh I.; SIMANJUNTAK, Irfan F.; GULTOM, Joni M.P. The religious phenomenon of Juche ideology as a political tool. **HTS Theological Studies**, África do Sul, v. 77, n. 4, p. 1-24, ago./2021. Disponível em: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0259-94222021000400040. Acesso em: 03 ago. 2022.

TANN, K. Imagining Communities: a multifunctional approach to identity management in texts. In: MARTIN, J. R.; BEDNARECK, M. (eds.). **New Discourse on Language: Functional Perspectives in Multimodality, Identity and Affiliation**. London: Continuum, 2010, p. 133–194.

TAVARES, Thomas. O mundo feito por nossas ideias: o construtivismo social como teoria de relações internacionais. **Revista Relações Exteriores**, 26 ju. 2022. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/tavares-construtivismo-social/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

WEBER, M. **Economy and Society: A New Translation**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2019.

WENDT, A. Collective Identity Formation and the International State. *American Political Science Review*, Washington DC, v. 02, n. 88, p. 308-396, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2944711>. Acesso em: 04 dez. 2022.

WENDT, A. *Social Theory of International Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Disponível em: <http://www.guillaumenicaise.com/wp-content/uploads/2013/10/Wendt-Social-Theory-of-International-Politics.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022.

WENDT, A. The agent-structure problem in international relations theory. *International Organization*, v. 41, n. 3, p. 335–370, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S002081830002751X>. Acesso em: 08 jul. 2022.